



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Modernização e Reprodução Social à Brasileira: relações entre desigualdades sociais e escolares

Fernando Gonçalves de Gonçalves

goncalves.goncalves@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a morfologia das relações entre desigualdades sociais e educacionais no Brasil. A teoria da reprodução postula uma forte relação entre desigualdades sociais e escolares. Não obstante, essa teoria vem sendo discutida criticamente por sociólogos como Boudon, Lahire e outros. Dubet, em especial, demonstra, em suas análises empíricas com países centrais da Modernidade, a complexidade dessa relação. Além do modelo clássico, postulado por Bourdieu e Passeron, o autor identifica dois outros tipos ideais de relações entre desigualdades sociais e escolares, o da “fluidez” e o da “desarticulação”. Assim, cabe-se questionar qual desses modelos – ou nenhum deles – seria adequado para entender contextos de modernização seletiva, como o brasileiro, onde valores pré-modernos convivem com valores típicos da modernidade. Como método de produção de dados utilizam-se dados secundários do PISA (OCDE), bem como do Banco Mundial, do World Value Survey e de outras fontes internacionais. Como método de análise, utiliza-se a análise geométrica de dados, correlação e regressão. Os resultados preliminares indicam a não-linearidade da relação de qualquer uma das categorias acima mencionadas. O Brasil e, em certa medida, os demais países da América Latina parecem operar sob uma lógica de radicalização do modelo tradicional da teoria da reprodução (no qual se encaixam países centrais como França, Alemanha e Estados Unidos), mas que não se reduz a ela.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the morphology of the relations between social and educational inequalities in Brazil. The theory of reproduction postulates a strong relationship between social and educational inequalities. Nevertheless, this theory has been critically discussed by sociologists such as Boudon, Lahire and others. Dubet, in particular, demonstrates the complexity of this relationship in his empirical analyzes with central countries of Modernity. In addition to the classic model, postulated by Bourdieu and Passeron, the author identifies two other ideal types of relationships between social and school inequalities, that of 'fluidity' and 'disarticulation'. Thus, one has to question which of these models - or none of them - would be adequate to understand contexts of “selective modernization”, such as the Brazilian, where premodern values coexist with values typical of modernity. Secondary data from PISA (OECD), as well as the World Bank, the World Value Survey and other international sources are used as data production methods. As a method of analysis, the use of geometric data analysis, correlation and regression is used. Preliminary results indicate the nonlinearity of the relationship of any of the above categories. Brazil and, to a certain extent, the other Latin American countries seem to operate under a logic of radicalization of the traditional model of reproduction theory (in which central countries such as France, Germany and the United States fit), but which is not limited to it.

Palavras clave

(reprodução educacional, desigualdades, comparação internacional)

Keywords

(educational reproduction, inequalities, international comparison)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

As desigualdades educacionais no Brasil e, também, em outros países da América Latina sempre estão na ordem do dia do debate acadêmico. Apesar de que o ensino fundamental esteja universalizado desde os anos 1990, as diferenças de qualidade entre as escolas particulares, frequentadas, sobretudo, pelas classes médias e altas, e as escolas públicas, em especial as municipais e estaduais, são bastante grandes.

Em 2015, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos anos finais do ensino fundamental da rede municipal ficou em 4,1, na rede estadual ficou em 4,2 e na rede particular em 6,1 (em uma escala que varia de 0 a 10). No ensino médio, apenas 62,7% dos jovens entre 15 e 17 anos estavam frequentando esse nível de ensino, enquanto mais de um terço dos jovens ainda estavam retidos no ensino fundamental ou, simplesmente, fora da escola. No ensino superior, por outro lado, apenas 18,1% dos jovens entre 18 e 24 anos estavam matriculados em instituições de ensino superior em 2015, sendo que, dentre eles, três quartos estavam em instituições privadas.

O acesso ao ensino superior ainda é bastante condicionado por questões de raça e de nível socioeconômico. Enquanto brancos eram 45,2% da população brasileira em 2015, estudantes brancos eram 56,1% dos matriculados na rede de ensino privada e 54,8% dos matriculados na rede pública. Por outro lado, estudantes provenientes do quintil de renda mais rico da população eram 40,7% dos matriculados no setor privado e 41,4% dos matriculados no setor público. Ainda assim, uma série de políticas de inclusão social no ensino superior (programa de financiamento com juros reduzidos, ações afirmativas, bolsas financiadas pelo governo em faculdades privadas, etc.) melhoram bastante a situação em relação ao passado recente. Em 2002, apenas 9,8% dos jovens estavam cursando ensino superior, brancos perfaziam 63% e 76% das matrículas nas redes pública e privada, respectivamente, enquanto o quintil de renda mais elevada representava 74% das matrículas na rede privada e 60% na rede pública¹.

¹ Todos os dados citados provêm da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e do Instituto de Estudos e Pesquisas Pedagógicas Anísio Teixeira (INEP), responsável por calcular os indicadores de qualidade do ensino brasileiro.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Apesar dos progressos dos últimos anos, a taxa de acesso ao ensino superior no Brasil ainda é bastante baixa, mesmo quando comparada com os demais países da América Latina (Guadilla, 2007). Da mesma forma, quando se compara a qualidade do aprendizado, o Brasil se sai bastante mal. No Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), em 2015, o Brasil ficou na 67ª posição entre 71 países na proficiência em matemática (à frente, apenas de República Dominicana na América Latina), na 65ª posição em ciências (à frente de Peru e República Dominicana) e, por fim, na 61ª posição em leitura (mais uma vez, à frente de Peru e República Dominicana).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que exibem indicadores baixos de rendimento educacional, bem como desigualdades educacionais elevadas, o Brasil e a maioria dos países latino-americanos exibem taxas elevadas de desigualdade econômica, tais como medidos pelo Índice de Gini. De acordo com dados do Banco Mundial, o Brasil é o 11º país mais desigual do mundo, enquanto países latino-americanos estão em posições igualmente desvantajosas (por exemplo, a Colômbia é o 12º e o México é o 19º).

Assim, o objetivo desta pesquisa de doutorado em andamento é entender em que medida as desigualdades escolares e as desigualdades sociais se relacionam em contextos como o brasileiro, em particular, e o latino-americano, em geral, bem como entender as razões que levaram essas sociedades a exibirem níveis tão elevados de desigualdades.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceitual

É impossível pensar nas desigualdades sociais e educacionais das sociedades modernas sem partir das formulações de Bourdieu e Passeron (1982, 2014) sobre a reprodução escolar. Os autores argumentam, a partir de ricas provas empíricas, que a escola republicana francesa, apesar da aparência de neutralidade e igualdade, seria um grande mecanismo reprodutor e legitimador das desigualdades sociais. Segundo os autores, os estudantes que obtêm uma situação de sucesso escolar são aqueles socializados desde o berço nos padrões culturais que a escola valoriza – os estudantes oriundos de frações das classes médias e altas. Assim, nas sociedades modernas, um novo tipo de capital, o capital cultural (juntamente com o capital econômico), passa a ser fundamental para a estruturação hierárquica das classes sociais, em detrimento do capital social, que seria mais importante em sociedades tradicionais.

O capital cultural seria, assim, legitimado simbolicamente pela escola. Em outro texto, Bourdieu (1998) argumenta que o capital cultural pode ser encontrado sob três estados: o incorporado, o objetivado e o institucionalizado. O capital cultural incorporado, como o nome diz, é aquele que “se torna corpo” no agente social. São *disposições* socialmente valorizadas, herdadas na socialização familiar ou adquiridas no sistema escolar. Esse capital se manifesta em habilidades, como falar línguas estrangeiras, gostos, como preferir a alta literatura, ou mesmo uma determinada forma de se portar, a *hexis* corporal. Por sua vez, o capital cultural objetivado é aquele materializado sob a forma de bens de cultura: discos, quadros, livros, objetos de arte em suma. Embora seja necessário algum capital cultural para adquiri-los, apenas com a incorporação de capital cultural é possível *frui-los*. Por fim, o capital cultural incorporado é aquele sancionado pelo Estado, sob a forma de diplomas e títulos: é ele que permite o acesso a posições bem pagas no mercado e no Estado, reconvertendo assim o capital cultural e capital econômico. Por sua vez, Bourdieu mostra que uma elite social familiar praticamente monopolizou uma espécie de capital



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cultural institucionalizado extremamente valorizada, a das *grandes écoles*, que formam a elite do serviço público francês, na forma da *Noblesse d'État* (Pierre Bourdieu, 1989).

Assim, a hierarquização dos agentes no espaço social passa pelo *quantum* de capital, em suas diferentes formas, que eles possuem. As classes altas se caracterizariam, sobretudo, pela posse, em quantidade significativa, de capital econômico, embora seja comum alguma reconversão desse capital em capital cultural (por exemplo, através do conhecimento sobre vinhos, compra de objetos valiosos de arte, etc.), as classes baixas, por sua vez, seriam bastante desprovidas das formas impessoais do capital cultural (o econômico e o cultural). As classes médias, por sua vez, garantiriam a sua posição social pela relação privilegiada com o capital cultural. Esse capital cultural não necessariamente é o capital cultural diletante do, digamos, apreciador de arte moderna, mas, também, qualquer conhecimento técnico valorizado pelo mercado.

A expansão escolar do final do século XIX (especialmente no primário) e após a 2ª Guerra Mundial (expansão dos liceus e do ensino superior) garantiu o acesso ao sistema escolar francês de classes que não costumavam frequentá-lo, porém, um novo fenômeno não garantiu que essa distribuição de capital cultural institucionalizado se convertesse em maior igualdade real: a inflação de diplomas. Bourdieu demonstra, especialmente em *La Distinction* (2007), que quando um nível de ensino é democratizado (por exemplo, o liceu) as vantagens sociais que seu diploma antes garantiam se deslocam para o nível imediatamente superior. Assim, se um diploma de ensino superior, antes, garantia um bom emprego, agora, ele precisa ser complementado com cursos de especialização, isso quando seus detentores não precisam mobilizar um capital essencialmente pré-moderno, o capital social, para garantir o acesso a posições vantajosas (por exemplo, as associações profissionais – de médicos, advogados, etc. – em alguns países exigem que novos profissionais sejam referendados por um “padrinho” já membro da corporação, o que, obviamente, coloca em vantagem os estudantes das classes superiores, cujas famílias possuem redes de contato maiores).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ora, como de praxe, esse modelo não poderia deixar de sofrer desafios. Muitos deles vieram da própria Sociologia francesa. Um dos primeiros questionamentos à teoria da reprodução veio do individualismo metodológico de Boudon (1981). Sua grande preocupação, no que concerne à educação, foi entender como os indivíduos tendem a agir para cumprir desígnios que são formulados pelos sociólogos como desígnios sistêmicos e não individuais. É essa a grande fraqueza que ele via nas análises de sociólogos funcionalistas, como Parsons, que acreditavam que o objetivo do sistema educacional era cumprir uma dada função dentro do Sistema Social. Boudon critica especialmente Bourdieu e Passeron, por, apesar de toda a postura crítica e fundamentalmente “antifuncionalista”, estarem ainda dependentes de uma análise funcional, em termos mertonianos. A “função manifesta” do sistema escolar podia ser “transmitir conhecimentos”, “fomentar oportunidades iguais” ou “formar cidadãos”, mas a sua “função latente” seria contribuir para a reprodução as desigualdades sociais.

Outro desenvolvimento recente das teorias da nova sociologia da educação foram os trabalhos de Lahire e seus colaboradores (Lahire, 1997, 2004, 2011). É difícil encontrar na realidade, nos ensina Lahire, os perfis culturais homogêneos valorizados pela teoria da reprodução. A imensa maioria dos indivíduos conjugaria, em diferentes graus, práticas culturais mais e menos legítimas. Entre o acadêmico culto e letrado, que deve sua posição ao capital cultural incorporado, e o trabalhador rural ou operário não qualificado com pouquíssima incorporação de disposições culturais legítimas, encontra-se a maioria dos indivíduos nas sociedades modernas. Não obstante, o que o autor chama de *perfis culturais dissonantes* são muito mais prováveis de serem encontrados nas classes médias e altas do que nas classes populares. Em suma, a modernidade (e a sua atual fase, em particular) teria como uma das suas principais características a produção de *homens plurais*, com disposições múltiplas que os permitiriam circular em variados contextos sociais.

Em estudo internacional comparativo com países da OCDE sobre as relações entre desigualdades escolares e desigualdades sociais, o sociólogo François Dubet e seus colaboradores (Dubet, Duru-Bellat, & Véréttout, 2012) mostram que o modelo tradicional



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de que as desigualdades escolares são determinantes para as desigualdades sociais e vice-versa, embora não esteja incorreto, é incompleto: os efeitos de umas e de outras variam enormemente de país para país, de acordo com os contextos social e educacional das diferentes sociedades.

Dubet testa a tese clássica de que grandes desigualdades escolares levam a grandes desigualdades sociais que, por sua vez, levam a grandes desigualdades escolares, em um ciclo de reprodução. O autor nota, porém, que quando comparamos diferentes sociedades, essa relação está longe de ser linear: nem sempre grandes desigualdades sociais estão conjugadas com grandes desigualdades escolares ou vice-versa.

Algumas sociedades nacionais, obviamente, se enquadram dentro do quadro clássico, como os países nórdicos e o Canadá, que possuem baixas desigualdades escolares e sociais, bem como Estados Unidos e Reino Unido, que conjugam altas desigualdades de ambos os tipos. Ocorre, porém, que uma série de países foge à associação: alguns possuem altas desigualdades escolares, mas baixas desigualdades sociais (Alemanha e França, por exemplo), enquanto em outros ocorre o inverso, como em Portugal, Itália e Japão. Essas relações podem ser encontradas na figura 1.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

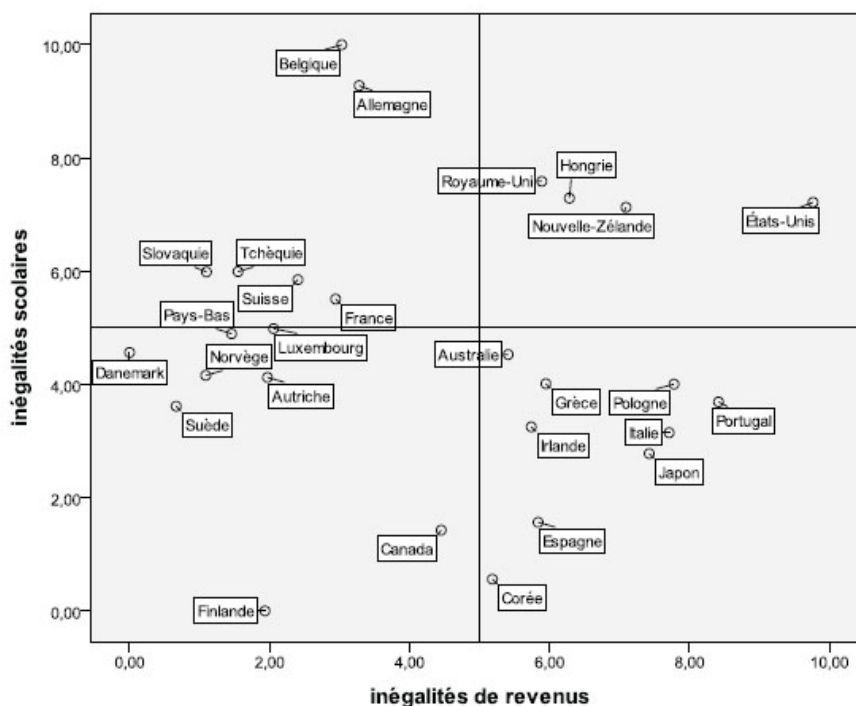
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Figura 1: Desigualdades Sociais e Escolares

Gráfico 1. Desigualdades escolares e desigualdades sociais (de renda)*



Fonte: Dubet (2012)

Da mesma forma, altas desigualdades escolares não necessariamente estão vinculadas a altas taxas de reprodução social, como era de se esperar. Em algumas sociedades, como a Austrália, o Canadá e os países nórdicos há pouca reprodução social e baixas desigualdades escolares, enquanto que em outros, como no Reino Unido, nos EUA e na França, altas desigualdades escolares se conjugam com alta reprodução social.

Por outro lado, existem sociedades (como a Itália e a Espanha) onde a reprodução social elevada parece estar desarticulada das desigualdades escolares, como se a sociedade ignorasse os efeitos das desigualdades escolares na alocação das posições sociais.

Dando sequência à sua análise de indicadores quantitativos, o autor chegou aos seguintes tipos ideais de relações entre as desigualdades escolares e sociais, de acordo com o contexto (quadro 1):



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quadro 1: Tipos puros de relação entre desigualdades escolares e sociais.

Tipo	Descrição	Exemplos
Reprodução Social	“Conjugam-se então grandes desigualdades escolares, uma forte influência dos diplomas e, no fim das contas, uma alta reprodução”.	Estados Unidos, França, Reino Unido e Alemanha.
Fluidez	“(…) caracterizado por efeitos pequenos das desigualdades sociais sobre as desigualdades escolares, por uma pequena influência e por pouca reprodução. As relações entre essas três dimensões são relativamente frouxas. ”	Austrália, Canadá, Países Nórdicos
Desarticulação entre Reprodução e Educação	“(…) caracterizado pela desarticulação da educação e da reprodução. Neste caso, a reprodução é significativa, até mesmo alta, como no primeiro grupo, mas não passa pela escola. (...) Aqui, tudo se passa como se a sociedade quase não levasse em conta hierarquias escolares. Influência do capital social “latino”.	Espanha e Itália

Fonte: Elaboração própria cf. Dubet (2012)

Assim, tendo em vista a tipologia de Dubet *et alii* acerca das diferentes relações entre desigualdades sociais e desigualdades escolares, em que medida aquelas dependem destas e vice-versa em contextos diferentes dos da OCDE, como o brasileiro? Alguma das tipologias construídas pelo autor daria conta de explicar contextos como o brasileiro ou seriam necessários novos modelos que seriam capazes de explicá-los?

Nossa hipótese é que essa diferença entre as sociedades desenvolvidas encontrada no trabalho de Dubet se deve ao processo de modernização pelo qual passou cada uma das sociedades. Sociedades com processos de modernização semelhantes tenderam a produzir uma morfologia semelhante de relações entre desigualdades escolares e sociais. No caso brasileiro, a teoria que mais dá conta de explicar o processo de modernização é a da modernização seletiva.

Segundo esta teoria, inicialmente, a sociedade brasileira foi fundada sobre uma lógica dual de senhores e escravos (além de pobres livres) estruturada a partir de relações de violência, que levou a padrões de *habitus* pré-modernos e não ocidentais (Souza, 2000). Esse panorama passou a se transformar a partir de 1808, quando a abertura dos portos e a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

chegada da Família Real Portuguesa transplantaram para o Brasil os embriões das duas instituições típicas da modernidade: o Estado Racional-Legal e o Mercado Capitalista.

O que é importante lembrar, porém, é que a modernização brasileira foi *seletiva*, e isso iria marcar profundamente a estrutura de classes da sociedade brasileira. Com as duas principais instituições do mundo moderno, vieram também, ao menos parcialmente, os valores da modernidade: igualdade jurídica (entre os cidadãos livres, obviamente), ética do trabalho e, principalmente, as primeiras possibilidades significativas de ascensão social. Aos poucos, formas racionais-legais de dominação foram substituindo formas tradicionais. E o mais importante, os valores da modernidade passaram a fazer parte do *habitus* ou das *disposições* de uma parte da população brasileira. A partir de então, houve a clivagem da população do país entre os brasileiros *europeizados* (que incorporaram os valores modernos) e os brasileiros que mantiveram um *habitus precário* (tradicional ou pré-moderno).

O processo de *modernização seletiva* se intensificaria após a libertação dos escravos, que, sem incorporar as disposições necessárias para o trabalho produtivo nas sociedades modernas, foram (mas não só eles, também agregados e meeiros brancos) abandonados à própria sorte. A falta das condições psicossociais necessárias à vida significativa nas sociedades modernas, intensificadas por uma vida familiar *não estruturada*, contribuiu para a clivagem entre os brasileiros com as disposições *modernas* e aqueles sem estas disposições.

Retomando a obra de Souza (2000) sobre a modernização seletiva e trabalhos posteriores (Souza, 2003, 2006), um ponto fundamental é que ele segue os passos do filósofo canadense Charles Taylor (que é, aliás, uma das referências fundamentais de sua teoria, juntamente com Habermas, Weber e Elias), segundo o qual as ideias, de alguma maneira, moldam o mundo social (Taylor, 1997), em uma abordagem radicalmente oposta ao economicismo marxista ou liberal. Souza, assim, vê o processo de modernização seletiva como uma "gigantesca mudança de consciência" que penetrou nos interstícios da tessitura social brasileira. Essa mudança de consciência foi propiciada pela penetração dos valores



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

típicos da modernidade, pelo menos nos espaços e classes sociais alcançados pelo processo de modernização seletiva.

Obviamente, a mudança valorativa não iniciou do nada. A própria modernização seletiva no contexto brasileiro foi alavancada, por sua vez, como já mencionamos, pelo desenvolvimento local das três esferas típicas da modernidade: mercado capitalista, Estado moderno e esfera pública.

Taylor entende a Modernidade, essencialmente, como uma enorme translação no quadro de valores do Ocidente, em geral, e do Brasil, em particular, é necessário entender como Charles Taylor reconstruiu esse processo. Quais foram essas grandes mudanças valorativas ocorridas na modernidade? Taylor (op. cit.) tenta traçar o caminho desse processo a partir de uma reconstrução das transformações de consciência que a modernidade tornou possíveis.

Inicialmente, como já é sabido, a fonte da moralidade deixou de ser heterônoma, ou externa ao indivíduo (vinda da tradição ou da Igreja) para se tornar autônoma, fruto da capacidade inata que todos os indivíduos possuiriam de fazer seus julgamentos morais com base em uma ética universal, como é bem expresso pela noção kantiana do imperativo categórico. Assim, se todos os indivíduos seriam agentes capazes de autonomia e racionalidade, isso balança as teorias tradicionais sobre o respeito que é devido às pessoas. Agora não apenas alguns indivíduos seriam dignos de respeito, mas todos os seres humanos. É uma mudança fundamental, o Ocidente transita de uma ética de honra para uma ética de dignidade. O potencial igualitário de tal transformação seria fundamental para os desenvolvimentos posteriores da modernidade. É o que Taylor chamou de *princípio da interioridade*, origem do princípio da *dignidade da pessoa humana*, fundamental ao Liberalismo e ao Iluminismo.

Outra das fontes morais da Modernidade, além do princípio da interioridade, é a que Taylor chama de *princípio de afirmação da vida cotidiana*. Esse princípio fica mais claro quando comparamos a Modernidade com a Antiguidade Clássica (e, em certa medida, a com a Idade Média europeia). Nas sociedades pré-modernas, as esferas da vida onde os



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

indivíduos (quase sempre homens) poderiam encontrar a realização e a glória são aquelas acessíveis a uma minoria de indivíduos, notadamente guerreiros e a elite política: a guerra e o campo de batalha, ou a política e a ágora. Enquanto isso, as esferas de realização do indivíduo moderno são totalmente diferentes: o trabalho e a família. Essa foi outra transformação valorativa de profundo caráter igualitário, pois o trabalho e a família são esferas das quais quase todos os seres humanos participam ao longo de sua vida.

A valorização dessas esferas da vida cotidiana, o trabalho e a família levaria a dois aspectos conflitantes, mas complementares, da identidade moderna. A valorização da esfera do trabalho levou à *racionalidade calculadora*, uma das facetas da modernidade mais atacadas pelos seus críticos, racionalidade esta que se realiza na economia. Essa racionalidade calculadora tem relação com a expansão dos valores seculares, racionais-legais e de desencantamento do mundo. Por sua vez, a valorização da esfera da família leva ao ideal da *expressividade*, a ideia de que cada indivíduo é único e que deve desabrochar plenamente sua potencialidade, o que é fundamental para o ideal moderno de auto expressão ou autenticidade (Taylor, 1991).

A teoria de Taylor é bastante abstrata, e isso não é nenhum problema, pois as preocupações do autor são, principalmente, filosóficas, embora de profundas implicações para a teoria social. Um autor que parte de perspectivas teóricas e metodológicas distintas, mas que parece convergir com Taylor em muitos aspectos é o cientista político norte-americano Ronald Inglehart.

Há décadas, Inglehart coordena o World Survey Values, um amplo questionário sobre valores aplicado, atualmente, a dezenas de países. Cada onda de aplicação dos questionários cobre os países participantes em um período de três anos, sendo que as participações brasileiras no projeto remontam ao começo dos anos 1980, sendo um dos participantes da primeira onda de aplicações. O autor, trabalhando com os dados agregados no nível do país, a partir de uma análise fatorial com as variáveis do questionário chegou a duas dimensões ou variáveis derivadas (Inglehart & Baker, 2000) que podem ser úteis



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

para operacionalizar empiricamente os conceitos taylorianos de *racionalidade calculadora* e de *expressividade*.

Assim, cabe deixar claro que a incorporação das categorias de Inglehart é, sobretudo, metodológica, como forma de operacionalizar no universo empírico os conceitos filosóficos abstratos construídos por Charles Taylor. Uma das dimensões encontradas por Inglehart é aquela que opõe valores tradicionais a valores seculares-rationais. Esse fator, ou variável derivada, foi construído por variáveis que opõem o respeito à autoridade, à religião e à comunidade a valores que enfatizam a razão, a ciência e o cosmopolitismo. Cremos que esse fator pode operacionalizar o conceito tayloriano de *racionalidade calculadora*. O segundo fator, ou variável derivada, opõe valores de sobrevivência, que enfatizam a existência física e material imediata e menor confiança interpessoal, a valores de autoexpressão (como a aceitação das diferenças, de orientações e estilos de vida distintos e não convencionais). Tentamos, com essa dimensão operacionalizar o conceito de Taylor de *expressividade*.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodologia

A pesquisa foi baseada em dados secundários do PISA (OCDE), bem como do Banco Mundial, do World Value Survey, PNUD e de outras fontes internacionais. Como método de análise, utiliza-se a análise geométrica de dados, correlação e regressão. Abaixo, apresenta-se o quadro de análise com os conceitos, dimensões e indicadores empíricos utilizados, bem como as fontes nas quais os dados foram buscados. A variável relativa ao grau de desenvolvimento foi incluída a fim de obter certo “controle estatístico”.

Quadro 2: Quadro de Análise

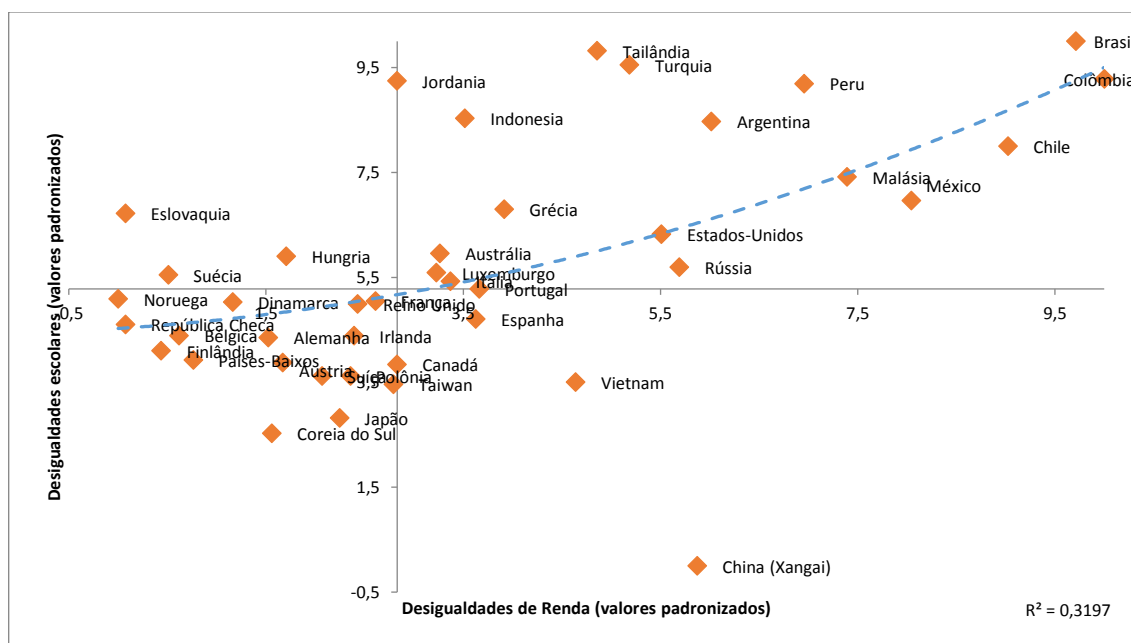
conceitos	dimensões	indicadores	fontes
Desigualdades Escolares	Desigualdades escolares em sentido estrito	Coeficiente de dispersão das notas das provas de leitura, ciências e matemática	microdados PISA, 2000, 2009 e 2015
	integração escolar	proporção de estudantes que concluem o ensino médio	OCDE
	duração do tronco comum	tempo de escolaridade comum antes da divergência do sistema	OCDE
	raridade do diploma	% de adultos graduados entre trabalhadores do setor terciário	OCDE
Desigualdades sociais	desigualdade de renda	índice gini	Banco Mundial, CIA
	influência do diploma	diferença de rendimentos e desemprego entre trabalhadores graduados e não graduados do setor terciário	OCDE e Banco Mundial
	oportunidades de vida	desemprego entre jovens	Banco Mundial
Reprodução social	Reprodução econômica	correlação entre a renda dos pais e a renda dos filhos	Kerckhoff, 2000, Piketty Database e outros
Valores da Modernidade	valores de expressividade	Fator de valores de auto-expressão WWS	Inglehart (2000), World Value Survey (ondas 4, 5 e 6)
	Valores de racionalidade	Fator de valores racionais-seculares WWS	
Grau de Desenvolvimento	.	Índice de Desenvolvimento Humano	PNUD

As variáveis destacadas em vermelho foram aquelas utilizadas na análise do presente artigo.

IV. Análise e Discussão de Dados.

Primeiramente, a análise geométrica de dados. Cruzou-se o indicador de desigualdades escolares com as demais variáveis em um plano bidimensional. Os eixos estão plotados no valor da mediana de cada uma das variáveis. A tendência é indicada pela linha pontilhada azul, obtida a partir de uma regressão polinomial. No gráfico 1, cruza-se o indicador de desigualdade escolar com o indicador de desigualdade econômica. Embora, não pareça haver relação, de fato, entre as variáveis quando se toma os países desenvolvidos (tal como Dubet encontrou), quando se inclui os demais países, a relação se torna mais evidente. A China é um ponto fora da curva, com taxas de desigualdade social relativamente elevadas, porém, com a menor desigualdade educacional. Por sua vez, os países da América Latina se destacam com as maiores taxas de desigualdades escolares e sociais, no quadrante superior direito do gráfico. Isso poderia indicar que, a partir de um dado nível, a relação entre desigualdades escolares e sociais passa a adquirir uma morfologia mais extrema.

Gráfico 1: Desigualdades Escolares e Desigualdades de Renda





XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

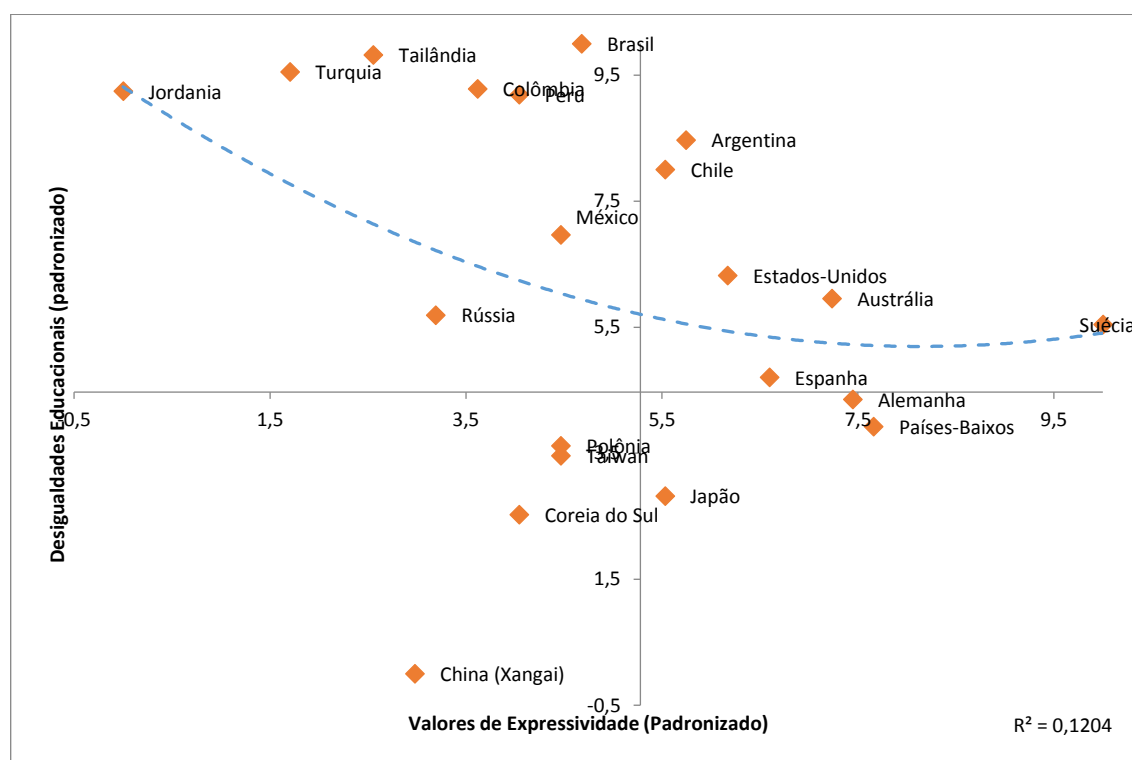
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quando se cruza a variável de desigualdades escolares com o indicador dos valores de expressividade, nota-se uma relação mais fraca, uma leve tendência de diminuição das desigualdades escolares à medida que os valores de auto expressividade se fortalecem. Enquanto os países desenvolvidos tendem a conjugar taxas médias de desigualdades escolares com altos níveis de valores de expressividade, os países não-ocidentais menos desenvolvidos (Tailândia, Turquia, Jordânia) conjugam baixos níveis de aceitação dos valores de expressividade com altas desigualdades escolares, enquanto os países asiáticos desenvolvidos se caracterizam por baixas desigualdades escolares e relativamente pouca penetração de valores de expressividade. A América Latina, por sua vez, conjuga uma posição mediana na prevalência desses valores com altíssimas taxas de desigualdade escolar.

Gráfico 2: Desigualdades Escolares e Valores de Expressividade





XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

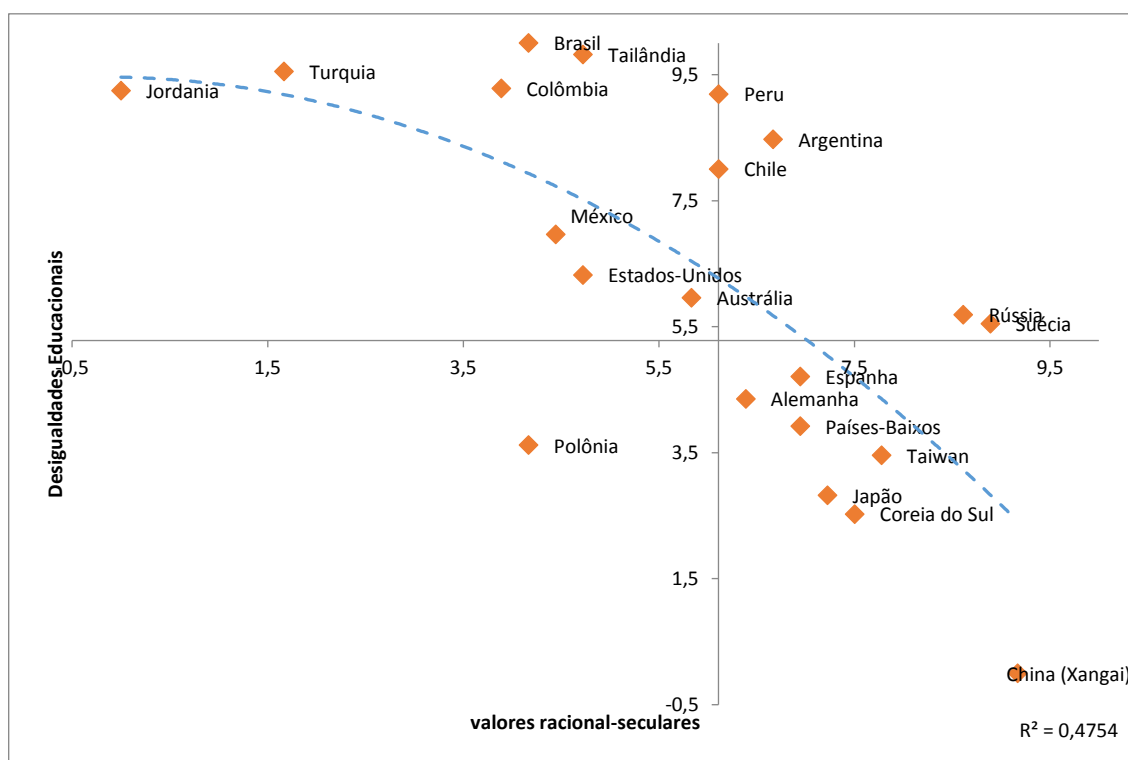
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O Gráfico 3 fornece uma relação mais forte. Quanto mais os valores racional-seculares estão desenvolvidos em uma dada sociedade, menor tende a ser a sua taxa de desigualdade educacional. É como se a penetração de valores modernos estivesse ligada, de alguma forma, a uma menor desigualdade cognitiva.

Gráfico 3: Desigualdades Escolares e Valores Racional-seculares



O problema com essas análises de correlação envolvendo países é que elas se defrontam com o chamado Efeito Matheus. O efeito, identificado por Merton (1970), afirma que as tudo que é “bom” (democracia, desenvolvimento econômico, menor desigualdade, etc.) costuma estar tão altamente correlacionado que é difícil destrinchar as variáveis de forma a encontrar relações de causalidade. Como se pode verificar pela figura 3, a cinco variáveis que utilizamos são de moderadamente a fortemente correlacionadas entre si. Menores desigualdades escolares estão relacionadas a menores desigualdades econômicas, a maior



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

penetração de valores racionais seculares e, em menor grau, de expressividade, mas, também a maior desenvolvimento social.

Figura 3: Matriz de Correlação² entre as variáveis analisadas

	grade inequalitie index PISA 2012	Income Gini	rational secular values index	HDI (2012)
Income Gini	,548			
rational secular values index	-,662	-,260		
HDI (2012)	-,496	-,645	,425	
expressivity values	-,309	-,351	,554	,753

Uma forma de tentar desemaranhar essas relações é através de um modelo de regressão, onde o impacto de cada variável independente (valores da modernidade, desenvolvimento, desigualdade econômica) sobre a variável dependente (desigualdades escolares) é “controlado” pelo impacto das demais. O resultado pode ser conferido na tabela 1. Quanto se mantém desigualdade econômica e nível de desenvolvimento constantes, os valores racional-seculares e os de expressividade, em menor grau, são as variáveis estatisticamente mais significativas³ para explicar as variações nas desigualdades escolares entre os países. Assim, a hipótese de que o nível de desigualdade em um sistema educacional tem relação com o seu processo de modernização (entendida como translação valorativa), sem mantém de pé.

² Foi utilizada a correlação de Pearson. O coeficiente varia de -1 (o que indica correlação inversa perfeita) até mais 1 (correlação perfeita), enquanto valores próximos de 0 indicam correlação inexistente.

³ Embora a variável relativa aos valores reacional-seculares tenha sido bastante significativa ($p < 0,01$), a variável relativa aos valores de expressividade ficou levemente acima do maior limite de significância ($p < 0,1$), ainda assim com significância maior d que as demais variáveis.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tabela 1: Modelo de Regressão

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
(Constant)	,943	,233		4,043	,001
rational secular values index	-,579	,150	-,675	-3,858	,001
1 expressivity values	,283	,171	,423	1,652	,118
Income Gini	,003	,002	,316	1,489	,156
HDI (2012)	-,290	,266	-,328	-1,089	,292

a. Dependent Variable: grade inequality index PISA 2012

A partir das correlações, análises geométricas e modelo de regressão, podemos intuir que existem ao menos outros dois tipos de modelos de relação entre as desigualdades escolares e sociais, além dos três aventados por Dubet (Reprodução, Fluidez e da Desarticulação – ou da Europa Latina), conforme o gráfico 4. Um deles, é o latino americano, caracterizado por níveis elevados de desigualdades escolares e sociais, relativamente fraco predomínio de valores racional-seculares e mediano predomínio de valores de expressividade, assim como níveis médios de desenvolvimento social. O outro modelo é o asiático, que se caracterizaria por níveis relativamente altos de desigualdade social (pelo menos, em relação aos países desenvolvidos), mas pequenas desigualdades educacionais. Os valores racional-seculares predominam nessas sociedades, mas não o de expressividade (talvez por um caráter mais coletivista de seu processo de modernização). Por fim, há dois conjuntos de países agrupados provisoriamente na categoria de “outros subdesenvolvidos”, especialmente países do sul da Ásia e do Mundo Árabe, caracterizados por altas desigualdades econômicas, escolares e menor modernização valorativa. Há, também, o conjunto de países mais desenvolvidos não categorizados por Dubet, especialmente na Europa do Leste, com indicadores próximos aos dos países classificados nas três tipologias originais.



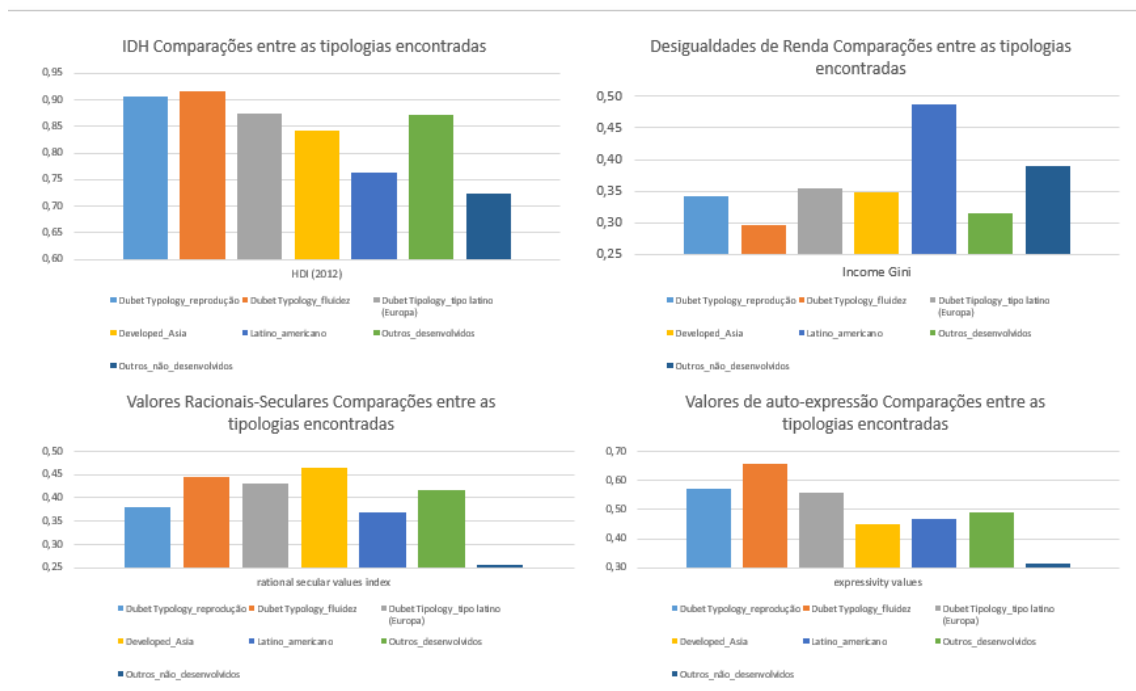
XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Gráfico 4: Caracterização das tipologias nas variáveis analisadas



No gráfico 5, por fim, podemos comparar a média do nível de desigualdade escolar entre cada uma das tipologias. Quando se confronta os modelos de Dubet com o modelo asiático e o latino-americano, o grau de desigualdades educacionais encontrado nos países estudados por Dubet se torna bastante semelhante, em comparação com as pequenas desigualdades escolares do primeiro grupo e as desigualdades gritantes do segundo grupo. Assim, do modelo original de Bourdieu, Dubet desdobrou outros dois e nós desdobramos, ao menos, mais duas tipologias, bem mais extremas do que as originalmente encontradas.



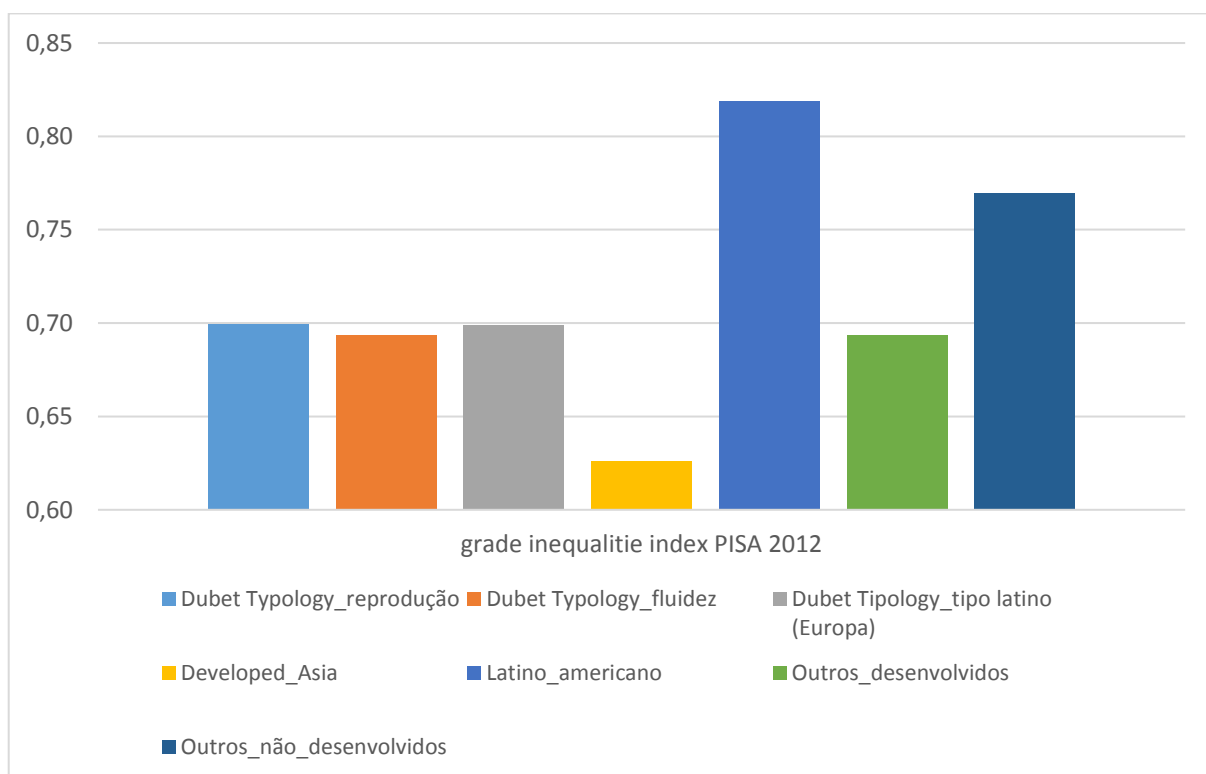
XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Gráfico 5: Desigualdades Escolares - comparação entre as tipologias encontradas





**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusões

Em primeiro lugar, de fato, os três modelos de relações entre desigualdades escolares e sociais construídos por Dubet não são exaustivos. A análise preliminar de dados aqui realizada revelou a existência de, ao menos, dois outros modelos teóricos. As próximas etapas desta pesquisa passam por aprimorar os modelos encontrados, especialmente para os países enquadrados, temporariamente, nos dois grupos remanescentes (outros desenvolvidos e outros não desenvolvidos). Da mesma forma, a inclusão dos dados relativos ao final dos anos 1990 e aos anos 2000, permitirá maior rigor empírico e significância estatística, o que, também, pode contribuir para o aprimoramento dos modelos, bem como para desvendar as relações causais ora aventadas. A partir da consolidação dos modelos, permitirá a aplicação de uma análise de casos múltiplos com um representante de cada um dos modelos de relações entre desigualdades escolares e sociais.

Pretende-se, por fim, mergulhar nos microdados do PISA relativos a cada um dos países selecionados, para, através da Análise de Correspondência Múltipla (ACM) compreender a dinâmica e as estruturas de força do campo escolar dos países analisados, auxiliado por revisão bibliográfica sobre cada caso. Os resultados encontrados até o momento, porém, corroboram a nossa primeira intuição, qual seja, a de uma relação entre a morfologia que assume a relação entre desigualdades escolares e sociais em sociedades semelhantes e seu processo de modernização particular – sempre entendendo a modernização em um sentido tayloriano, ou seja, de uma transformação valorativa na sociedade.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografia

Boudon, R. (1981). *A desigualdade das oportunidades: A desigualdade das oportunidades A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades*. Editora UnB. Brasília: .

Bourdieu, P. (1989). *La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Editions de minuit.

Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk.

Bourdieu, P. (1998). Os três estados do capital cultural. In M. A. NOGUEIRA & A. M. CATANI (Eds.), *Escritos de educação* (pp. 71–79). Petrópolis : Vozes.

Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1982). *A Reprodução: elementos para uma teoria dos sistemas de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (2014). *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Dubet, F., Duru-Bellat, M., & Vérétoit, A. (2012). As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. *Sociologias*, 14, 22–70.

Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222012000100003&nrm=iso

Guadilla, C. G. (2007). Financiamiento de la educación superior en América Latina. *Sociologias*, 50–101.

Retrieved from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000100004&nrm=iso

Inglehart, R., & Baker, W. E. (2000). Modernization, cultural change, and the persistence of traditional values. *American Sociological Review*, 19–51.

Lahire, B. (1997). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.

Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed editora.

Lahire, B. (2011). A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. *Revista Da*



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Faculdade de Letras : Sociologia TA - Carvalho, Pascoal, 21(1), 13.

Merton, R. K. (1970). *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou.

Souza, J. (2000). *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*.

Brasília: Universidade de Brasília.

Souza, J. (2003). *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Souza, J. (2006). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Taylor, C. (1991). *The ethics of authenticity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Taylor, C. (1997). *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Rio de Janeiro: Edições Loyola.